

[Ticún Brasil](http://ticunbrasil.com) apresenta

SILENT | LOUD

21:00, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO, 2014
MIDRASH, RIO DE JANEIRO

Obras-primas do cinema mudo internacional com trilha sonora
improvisada por artistas experimentais brasileiros

“Aelita” (1924), Yakov Protazanov

Trilha sonora ao vivo:

Alexander Zhemchuzhnikov, Marcos Campello e Eduardo Manso



A projeção do filme é parte do projeto **SILENT | LOUD**, que apresenta a série de filmes mudos com trilhas sonoras improvisadas por artistas experimentais brasileiros. Os concertos audiovisuais são apresentados em diversas localidades do Rio de Janeiro, alcançando públicos de bairros nobres a centros culturais em comunidades de baixa renda da Zona Norte e Baixada, além de [um tour](http://umtour.com) pelo Brasil passando pelas cidades de São Paulo, Paraty, Ouro Preto, Recife, Olinda e Belém e no exterior (EUA e Rússia).

Retornando da turnê na Europa realizada em agosto, Marcos Campello e Eduardo Manso, grandes representantes da musicalidade brasileira contemporânea, se unem ao saxofonista Alex Zhemchuzhnikov para retilharem ao vivo mais uma obra-prima do cinema mudo internacional.

Dedicamos este evento à inclusão social de todos os gêneros e identidades sexuais, apoiando os direitos homossexuais tão atacados hoje no cenário político brasileiro e internacional. Vemos na combinação de formas artísticas distintas um exemplo positivo de como elementos inicialmente diferentes podem se complementar de maneira criativa e inovadora.



Desde [o lançamento do projeto SILENT | LOUD](#), em 2013, concertos cinematográficos e festivais de filmes mudos foram organizados no MAM e na Arena Dicro, na Favela da Maré.

“Com a série **SILENT | LOUD**, estamos promovendo intercâmbio cultural internacional”, comentou o produtor cultural Daniel Furrer em [entrevista sobre o projeto à rádio Voz da Rússia](#).

TRILHA SONHORA IMPROVISADA:

ALEX ZHEMCHUZHNIKOV + MARCOS CAMPELLO + EDUARDO MANSO

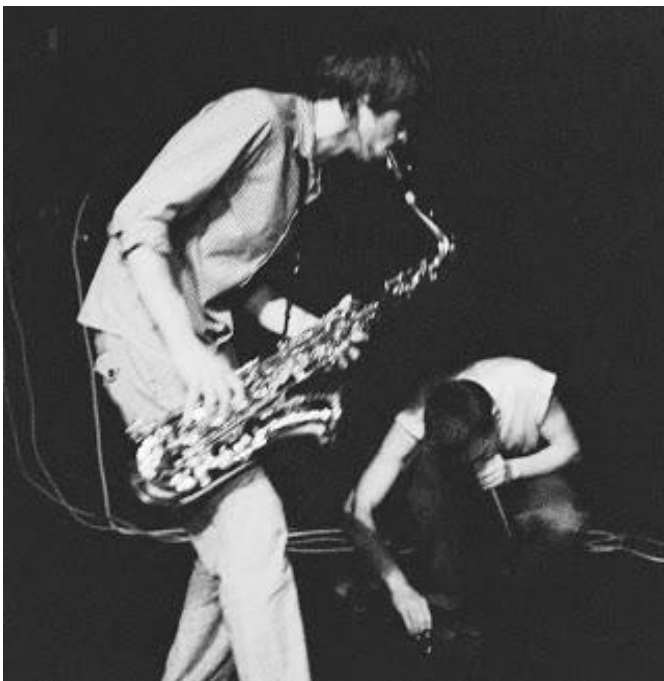
“Duvidos devem estar abertos em todo o mundo para essas vozes importantes.” – Cliff Allen, [Tiny Mix Tapes](#)

“Excelente, de um modo amplo e extraordinário.” – Dan Coffey, [Avant Music News](#)

“O talento experimental de construir novas texturas chegando a um som moderno que abre novos caminhos para MPB criando interseções entre free-jazz, tropicalismo e grooves eletrônico” – [O Globo](#)

“A dinâmica extrema de instrumentos elétricos tornou-se necessária para manter-se com o crescendo inevitável do drama” – John Y. N. Cho, [IMDB](#)

ALEX ZHEMCHUZHNIKOV – Original de Sary Oskol, Rússia, o saxofonista representa a vanguarda do jazz no Rio. Atualmente, integra os grupos BIU, Bonifrate e Sobre a Máquina, quarteto que se caracteriza pelo experimentalismo e performances com improvisação. Sua presença surge como um ponto de leveza e maior aproximação para o ouvinte médio.



Entre programações eletrônicas, guitarras que parecem blocos de metais se chocando e o tempero agriço do saxofone de Zhemchuzhnikov, tudo é guiado de maneira a hipnotizar o público em uma brincadeira ruidosa e soturna.

O saxofonista já colaborou também com artistas e bandas como Chinese Cookie Poets, Negro Leo, Paal Nilssen Love, Eugene Hutz, Hype Williams, Eyal Maoz. Suas influências musicais são diversas, do free jazz do Peter Brotzmann e Evan Parker até música folclórica do Oriente Médio.

© Todos os Direitos Reservados a Daria Kravtsova

MARCOS CAMPELLO – O guitarrista integra a banda Chinese Cookie Poets, combinação eclética de intensidade brutal e intervenções sutis, composições de arranjo fino e improvisações. Um dos pontos fortes da banda é articular diferentes arranjos musicais em um mesmo continuum, sem fragmentar o som do grupo. O trio começou em 2010 com Marcos Campello (guitarra), Felipe Zenicola (baixo) e Renato Godoy (bateria). Após lançarem dois EPs no primeiro ano, eles lançaram em 2012 o álbum Worm Love, com a participação do renomado produtor musical, compositor e guitarrista norte-americano Arto Lindsay, em uma das faixas.



Em abril de 2013, lançou um novo álbum com a colaboração do trompetista brasileiro Nicolau Lafetá. Nestes dois anos, a banda tocou em mais de dez cidades (Brasil e Chile). O CCP também colabora e improvisa em trio ao vivo com outros grupos e artistas de diferentes matizes musicais, como o barulhento artista polonês Zbigniew Karkowski, o saxofonista argentino Sam Nacht, o compositor e intérprete brasileiro Negro Leo e o trio suíço MIR.



© Todos os Direitos Reservados a Marlon Falcão

A banda está inserida no contexto da música de vanguarda carioca, que “ganha força e se firma, com cada vez mais espaços para shows, novos projetos, selos e visitas de nomes internacionais” (O Globo).

Eles irão se apresentar para várias comunidades e nichos culturais do Leblon a Maré, expandindo a mensagem universal da arte. Além do Rio de Janeiro, outras cidades no Brasil também receberão a visita da banda.

EDUARDO MANSO – O guitarrista carioca formou a banda Rabotnik em 2004 e desde então alterna apresentações baseadas na improvisação livre com a produção de trilhas sonoras. Além do repertório autoral que prima por músicas instrumentais viajantes e sensoriais na linha pós-rock, o Rabotnik costuma homenagear em seus shows grandes compositores de trilhas sonoras cinematográficas, apresentando ao público algumas das obras de Ennio Morricone (Sergio Leone), Nino Rota (Federico Fellini), Angelo Badalamenti (David Lynch), Krzysztof Komeda (Roman Polanski), entre outros.



© Todos os Direitos Reservados a RvonKruger Fotografia



CINEMA MUDO:



“Aelita” (1924)

Dirigido pelo cineasta Yakov Protazanov, o filme baseado na obra homônima do escritor Alexei Tolstói é tido como a primeira montagem de ficção científica produzida na União Soviética.

O embate marxista russo dos anos 1920 é transportado para o espaço através do romance entre o engenheiro moscovita Los (Nikolai Tsereteli) e Aelita (Yuliya Solntseva), a rainha de Marte. A viagem da personagem a este planeta distante é símbolo do escapismo e desejo de experimentar uma realidade distinta do que estava ocorrendo na URSS de então. No entanto, a realidade da luta política permanece enquanto o proletariado marciano insurge tentando tomar o poder, assim como ocorreu em sua terra natal, e Los mais uma vez encontra-se entre a liderança dominante e os trabalhadores buscando o controle de suas próprias vidas.

Os críticos relembram vividamente os cenários marcianos de alto orçamento e figurinos futuristas e construtivistas desenvolvidos por Alexandra Ekster e Isaak Rabinovich, além da passagem infame onde os protagonistas começam uma revolução proletária em Marte. No entanto, o filme tem sido ressignificado recentemente e passou a ser entendido em desacordo com a sua reputação mais tradicional, colocando em xeque seu caráter de ficção científica, e até mesmo seu posicionamento político pró-revolucionário.

A obra causou grande comoção na época do seu lançamento, nunca tendo chegado a ser acolhida pelo público mais amplo, talvez por causa de sua atitude em relação à revolução. O filme, a este respeito, previu muito bem os desdobramentos revolucionários e quando a década de 1930 chegou, muitos cidadãos russos perceberam, sem dúvida, o quão precisas haviam sido as insinuações de Protazanov sobre os poderes destrutivos e corruptores da revolução.

SEGUNDO CADERNO

SÁBADO 17.11.2012
oglobo.com.br

Como foi o
cruzeiro do
Kiss, que toca
amanhã no Rio,
e outras notícias
do heavy metal

Gente Boa pág. 6
Joaquim Ferreira dos Santos



BETHÂNIA
NOVO SHOW
E ESTREIA DE
WAGNER TISO
NA DIREÇÃO
MUSICAL



pág. 2

Experimental IN RIO

A música de vanguarda carioca ganha força e se firma como cena, com cada vez mais espaços para shows, novos projetos, selos e visitas de nomes internacionais

SILVIO ESSINGER
silvioessinger@oglobo.com.br

Música eletrônica que não é para dançar. Rock sem refão, sem letra e sem cantor se sacudindo, jazz, mas não aquele para se ouvir tomando uísquinho. Dissonâncias, microfônias, batidas quebradas, cascadas de efeitos digitais, improvisos, ruídos, falas, repetição, marretadas de sons sintetizados... Esse é o universo estético que se descortina no Novas Frequências, festival de música contemporânea de vanguarda cuja segunda edição acontece entre 4 e 9 de dezembro no Oi Futuro Ipanema. Com atrações dos Estados Unidos (a dupla de irmãs Prince Rama, a cantora Julianna Barwick), Inglaterra (os produtores Actress e Hype Williams), Alemanha (o produtor Pole), Espanha (o projeto Lenticular Clouds) e até da Estônia (a musa da eletrônica etérea Maria Mäe), o NF traz ainda um carioca: Cadu Tenório, representante de uma cena que ganhou força nos últimos três anos, com a consolidação de espaços para shows (Plano B, Audio Rebel, Comuna), visitas mais constantes de nomes internacionais, crescente interação entre os músicos e produção fervilhante na internet.

— Esse é um ótimo momento para as novas tendências — diz Chico Dub, idealizador, curador e diretor artístico do festival, que entre 2007 e 2011 foi produtor do festival de performances audiovisuais Multiplicidade. Imagem_Som, J-mistados. — Hoje, quem toca rock faz eletrônico também. Os rótulos estão caindo.

O BARULHENTO, O MELÓDICO, O DANÇANTE

Bom exemplo disso é o techadista Cadu Tenório, que apresenta no dia 9 um espetáculo no qual irá dedicar um ato a cada um dos projetos que vem desenvolvendo nos últimos oito anos: o Sobre a Máquina (que é uma banda), o VICTIM (eletrônica extrema e barulhenta, com saturação e cortes bruscos) e dois nunca apresentados ao vivo: o Ceticências (mais melódico) e o Santa Rosa Family Tree (mais dançante). A acompanhá-lo na empreitada, o baixista Emygdio Costa, o saxofonista Alexander Zhemchuzhnikov (ambos do Sobre a Máquina) e o baterista Renato Godoy (do Chinese Cookie Poets).

— Quero percorrer todas as possibilidades da minha música. É o ápice da noite será o VICTIM — promete Cadu, que, com um amigo de São Paulo, criou o selo TOC, para lançar a produção contemporânea da vanguarda brasileira.

A inclusão de Renato Godoy na banda não foi casual. Desenvolvendo projetos na "área abstrata" desde 2000, ele foi integrante do Bossal, projeto que se apresentou em vários eventos no Plano B, loja de discos que surgiu em 2004 na Lapa, tocada pelo apreciador de krautrock e demais investigações musicais Fernando Torres.

— Antes, o jeito era tocar nas festas da faculdade, onde a gente era o monstro da turma — conta Renato, que, em busca de um espaço maior para apresentações, acabou chegando em 2009 ao Audio Rebel, misto de estúdio de ensaio e casa de shows, num casarão em Botafogo. Lá, ele começou a fazer o Quintavanti, evento com músicos que já conhecia da Plano B, e do qual participaram grupos como o BUI (que tem Alexander, do Sobre a Máquina, e Bubu, integrante do Do Amor e músico de apoio do Los Hermanos).

nos), Rabotnik (que acompanhou Gal Costa em faixa do disco "Recanto") e Duplexx, além do cantor e compositor Negro Leo. Não raro, rolavam improvisos coletivos nessa turma.

— Mais do que um projeto, o pessoal queria criar uma cena — diz Renato, que, junto com Eduardo Manso (do Rabotnik), Bartolo (do Duplexx) e o artista/produtor artístico Sávio de Queiroz, prepara um selo, ainda sem nome, para lançar álbuns dessa salada experimental.

— Pegamos o exemplo da No Wave de Nova York dos anos 1970, que é o de gravar discos que retratem a interação entre os músicos de uma cena — conta Manso, que, além do trabalho com o Rabotnik, faz shows solo e ainda cuida da manipulação eletrônica para Gilberto Gil no seu "Concerto de cordas & máquina de fitas". Mesmo depois que a Quintavan foi para a Comuna (espaço cultural em Botafogo que agora apresenta o evento de música experimental Cabaré Reluxx), o Audio Rebel não deixou de receber shows da turma — e os dos seus colegas americanos. Depois de Lichens (que faz manipulação de voz e violão, com sintetizadores e efeitos) e do guitarrista Kevin Drumm, chega a vez, no dia 25, do baterista Chas Smith, com o projeto Conga For Brums. Todos, espetáculos surgidos da parceria de Pedro Azevedo (da Audio Rebel) e Sávio de Queiroz, que em 2012 conseguiu trazer pela primeira vez ao Rio um mestre do free jazz, o saxofonista John Zorn.

MOVIMENTO SE RENOVA NA REDE

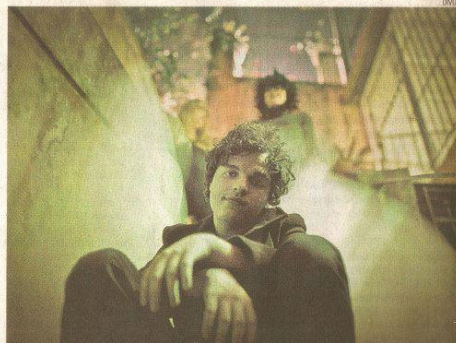
E os novos projetos experimentais da música carioca não param de aparecer na rede: Vamos Estar Fazendo (de improvisos, do guitarrista Pedro Sá e do baterista Domenico Lancalotti), Taki (do DJ João Brasil e de Domenico), Guerrinha (de Gabriel Guerra, do grupo Dorgas), Bemônio (projeto de "drone doom noise" do músico Paulo Caetano) e o People I Know (do produtor Lucas de Paiva). Artistas e público se renovam.

— Agora tem uma garotada de 20 anos que tem interesse por noise, improvisação jazzística, drone... — conta Bernardo Oliveira, do blog Matória, que nos anos 1990 foi baterista do Zumbi do Mato e agora, com ex-integrantes do Zumbi, formou o Padaria Sinistra. — A internet é central, eles hoje têm acesso a Moondog, La Monte Young (músicos americanos de vanguarda), coisas que não conseguíamos ouvir. Nos anos 1990, só tínhamos a banquinha de CDs do Fernando (Torres, da Plano B) na Rua Pedro Lessa, ele era o nosso contrabandista de música.

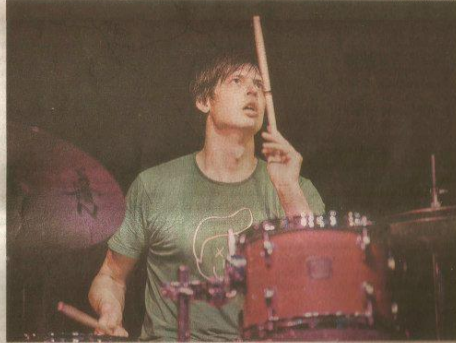
— Essa geração é muito curiosa, é ela que está salvando a cena — defende Chico Dub. — Eles compram ingresso, não querem ser VIPs e ouvem tudo sentados, prestando atenção.

— Carioca tem muita preocupação de fazer festa. A gente está meio de saco cheio disso — desabafa Renato Godoy. — Muitos shows têm uma abordagem mais minimalista. Tem que fazer silêncio, não dá para conversar, beber. Negro Leo, um dos poucos da nova turma a trabalhar dentro do formato canção, elogia o movimento da cena de vanguarda do Rio.

— O cancionário carioca acaba tendo uma influência mais vigorosa dos experimentalistas do que em São Paulo. Existe uma troca que se reflete no acabamento das músicas — diz ele, que ano que vem quer reunir essa cena no seu disco "The Guanabara Underground Behaviour".



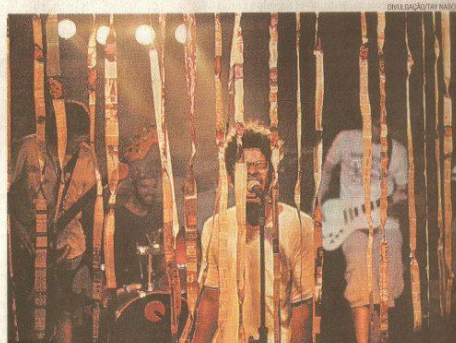
Cadu Tenório. Representante carioca no Festival Novas Frequências, em dezembro no Oi Futuro Ipanema



Chas Smith. O americano mostra seu Conga For Brums da 25, no Audio Rebel, point de shows da turma



Chinese Cookie Poets. Renato Godoy (à direita) criou o evento Quintavanti, com assíduos da loja Plano B



Negro Leo. Um dos poucos a trabalhar no formato de canção, ele pretende reunir a cena num disco em 2013



REALIZAÇÃO:



Ticun Brasil é uma ONG de justiça social global que implementa projetos educacionais, artísticos e judaicos através de parcerias com instituições locais desde 2008. Ticun também realiza eventos culturais e educacionais nos EUA promovendo voluntariado no Brasil e divulgando a cultura brasileira no exterior.

SERVIÇO:

21:00, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO, 2014

MIDRASH CENTRO CULTURAL

R. Gal. Venâncio Flores, 184 - Leblon, Rio de Janeiro, (21) 2239-2222

Reservas pelo e-mail: secretaria@midrash.org.br

CONTATOS:

Daniel Furrer | (21) 99114-7005 Daniel@ticunbrasil.com

Alex Minkin | Oxx +1 (646) 4316913 Alex@ticunbrasil.com

PARCEIROS:

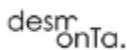


D o z ã o

Dozão – Produtora de conteúdo audiovisual e midiático em Pernambuco com foco em música, cinema, internet e TV.



Midrash – Centro Cultural inaugurado em 2009 realiza atividades nas diferentes áreas do fazer, sentir, pensar e ser, em busca de sentido e aperfeiçoamento. Cursos, palestras, grupos de estudo, eventos musicais e artísticos, além de cursos regulares de idiomas e judaísmo, oficinas para as crianças e práticas espirituais.



Desmonta – Produtora musical e selo de vanguarda atuante no cenário musical experimental internacional desde 2006 já produziu artistas como Archie Sheep, Lee Ranaldo and The Dust, The Thing & Joe McPhee, Trio Esmeril, Psilosamples, entre outros.



Quintavant – Criado em 2009, o Quintavant está prestes a completar três anos de atividade intensa na Audio Rebel, bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. O Quintavant já abrigou a apresentação de mais de 100 artistas, basicamente dedicados ao improviso coletivo e à experimentação em todas as suas vertentes.



Editora e Revista Kalinka – Criada para que leitores possam ter contato mais variado com a cultura russa, sobretudo com sua literatura, reunindo textos de épocas e escolas distintas. Em busca de novas poéticas e de um diálogo direto entre Rússia e Brasil, a revista abre espaço especial para autores russos contemporâneos.



Observatório de Favelas – Organização social de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Criado em 2001, o Observatório é desde 2003 uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP). O Observatório apoia iniciativas que buscam impactar as políticas públicas de arte e cultura, evidenciando o papel dos espaços populares como matrizes da produção criativa.

